



DORMIA A SOMNO SOLTO

### O FILHO DA TIA JOANNA

Joanna das Dores, a tia Joanna do Rastolho, como a tratavam os rapazes do sítio, era uma mulher desenxovalhada, serviçal, esperta e muito zelosa da sua casa e do seu marido, o rendeiro de umas terras, cujo nome lhe trouxera a alcinha a toda a família, porque elle, o bom do homem, era egualmente conhecido por José do Rastolho.

Antigos criados de um ricaço da localidade, depois de casados, resolveram deixar-lhe o serviço activo, e tomar vida á parte, para o que lhe pediram algumas terras; o que alcançaram sem difficuldade.

Não fallando de uns *daves* e *tomares*, que tinham lá de vez em quando, por causa da pinguita do José, sujeito de bons figados e de mau vinho, viviam menos mal os dois casados.

Era mesmo cousa muito para apreciar o ver a tia Joanna, logo ao sol nado, no inverno, e ao romper do dia, no verão, a trastejar, muito arregaçada e cuidadosa, de um lado para o outro,

a accender o lume para o almoço, a varrer a casa, a descer ao pateo, a buscar lenha, ou a deitar uma vista de olhos á criação, e finalmente a acordar e a vestir os filhos, uns dorminhocos, que ás vezes precisava sacudir pelas orelhas.

— Tarrenego! Parecem feitos de chumbo — dizia ella, ás vezes.

E sacudia-os, e terminava quasi sempre por tiral-os da cama, e pol-os no chão, nus, estonteados, sem tino.

— O' Maria, endireitas-te... ou não? Teu irmão, em quanto não levou uma palmada, não atinou com as pernas das calças. Tu avias-te, ó mal amanhado? Estou vendo que vaes levar toda a manhã a arranhar a cabeça. Que fazes tu, pequena? Estás a vestir a saia primeiro que a camisa. Valha-me Deus! Vossês mettem-me no inferno, mandriões de uma figa!

E saía do quarto, em cujo topo se via um registo grande de Nossa Senhora das Dores, muito trespassado de settas, uma reliquia, que conservava ainda do seu tempo de solteira; e continuava

a moirer a amanho da vida, que o marido esse já andava ha muito pela fazenda, sósinho umas vezes, outras acompanhado de gente de fóra.

Apezar de tudo, a tia Joanna tinha o seu fraco pela conversa á janella com as visinhas do lado, não porque ella se importasse com as vidas alheias, mas porque emfim era preciso desenfastiar-se da labutação da casa, e espaiarecer um pouco.

Além d'isso, o filho, um rapazote bem formado e escorrito, tres annos mais velho que a pequena, era o seu constante pesadello, um ralaço, que não endireitava para o serviço, sim porque a rapariga essa já ia, todos os dias, buscar uns cestinhos de herva para o gado, ou uma mancheia de gravetos para o lume.

O rapaz nem para diante, nem para traz; sempre a arrastar-se pelo chão, ou a dormir pelos cantos; e um tormento, que Deus Nosso Senhor lhe dêra, a ella, que não fazia mal a ninguem, e não merecia tal castigo.

Na manhã, em que começa esta pequena historia, acabava a tia Joanna de chegar á janella, depois de ter deixado os filhos em acção de vestir-se.

Vinha com modos de enfado, o enfado do costume, o mau estar diario, quando se tratava de despertar os rapazes.

Uma das visinhas correrá logo, e, ao dar-lhe os bons dias, começou: — Então os pequenos não deixam o quente tão cedo, como a tia Joanna quer? Eu bem a ouvi grazinar. Coitaditos... são creanças!

— São o demonio do inferno... é que elles são! A pequena inda lá vae... mas o irmão... ai... isso Deus no acuda! Não sei o que hei de fazer á minha vida.

— Ora, visinha... coizas da idade. Todos nós já fomos assim.

— Eu... ser assim? Isso é que eu não fui. Quando tinha a idade d'elle já ganhava para eu vestir, já estava ás sôpas alheias, com que ajudava minha mãe, que Deus haja. Bom tempo era esse, senhora Rita. Hoje em dia... tudo mudou... tudo. Não entendo isto.

— E diz bem. Lá isso é verdade. Mas tenha paciencia. Traz de dias dias vem — lá diz o outro.

— Pois sim... sim, mas o tempo passa; os filhos crescem; e se forem acostumados á boa vida, não vem a ser para si, nem para ninguem. Todos nós...

E interrompeu-se, virando-se para dentro.

Era a pequena, que lhe puchava pela saia, dizendo: — O' mãe... mãe... o Antonio tornou-se a deitar. Já puchei por elle. e...

— Vê, vê, senhora Rita? Ora os meus peccados! E eu que tenho de mandar por elle o almoço ao meu José. Até logo, visinha. Ora isto... ora a minha vida!

A tia Joanna, a muito custo, poude resistir a todos os impetos da impaciencia, e conseguir acordar, e fazer vestir o rapazito, sem passar a vias de facto.

Em toda a casa espalhou-se um cheiro activo de sardinha assada, e dentro em pouco ella e os filhos comiam com bom appetite.

A boa da mulher porém fazia-o de pé, a preparar o almoço para o marido — meia brôa, quatro sardinhas e uma cabacita com uma pinga de agua-pé.

Embrulhou tudo n'um guardanapo, producto da ultima tã, que fiara, um guardanapo amplo e um tanto trigueiro, por novo, e disse, puchando e ageitando o collarinho desabotoado do filho: — Pega... anda, que o pae ha de estar a cair. Sempre são umas horas!

— Onde está elle? — perguntou o rapaz, com voz arrastada, a coçar a cabeça.

— Ao fundo do barroco, no chão de cima, onde andou hontem. E vamos. Ainda estás a olhar, com essa cara de abobora menina? Eu sempre quero ver o tempo que tu levas. Vae fechar a porta, Maria. Olha se deixas cair o guardanapo no chão. Ouviste, rapaz?

E como o filho já fosse fóra da porta, correu á janella a recomendar-lhe cuidado e pressa.

Depois continuou no seu labutar: desceu ao quintal, a apanhar umas couves para o jantar, deitou de molho umas lascas de bacalhau, poz as panellas ao lume, amassou umas sementeas para as gallinhas; levou aos porcos uma caldeirada, varreu a lareira, fez as camas, e por ultimo, em quanto a pequena Maria debulhava uns feijões, poz-se a tomar uns pontos n'uma véstia do marido.

Uma verdadeira dona de casa a tia Joanna.

Mas o tempo passava, era meio dia, e o Antonio sem voltar.

— O' Maria, vae lá fóra, e repara se avistas teu irmão. Querem ver que não vem cá hoje! Ai, o maldito do rapaz que me mette a minha alma no inferno! Sume-te, demonio! Ora se eu tenho de deixar a casa, e ir levar o jantar á fazenda... ha de ser bonito. E eu sem poder arrear pé d'aqui. Valei-me minha Nossa Senhora das Dores!

— O' senhor Joaquim, — dizia ella por fim, já impacientada, a um homem, que passava — não viu por ahi o meu Antonio, lá para as bandas do Rastolho?

— Nada, não, senhora, tia Joanna. Mas então...

— E' que foi de manhã levar o almoço ao pae, e ainda não voltou.

E virou para dentro, a pensar no que devia fazer. O que teria acontecido? Alguma brinca-

deira? Mas... nada. O rapaz era tão molle que nem para isso tinha geito.

Ao cabo de muito pensar, recommendou á filha que tomasse sentido não viesse alguém, retirou as panellas do lume, cobriu tudo, e foi-se á cata do rapaz.

Chegando ao meio do quintal, que entestava com a fazenda, uma consideravel planura, alongou a vista, mas... debalde.

Continuou a andar direita a umas médas de trigo, ceifado ha pouco.

Ia a voltar-se para outro lado, quando viu, quasi ao pé da eira, n'um pequeno combro, umas gallinhas. Lembrou-lhe que andavam ao cheiro do grão, e resolveu afugental-as para longe, correndo-as á pedra.

A curta distancia, porém, deixou cair as pedras da mão, e machinal e insensivelmente começou a benzer-se.

O filho, com um pedaço de brôa, que lhe dera o pae, um bocado consideravel, ainda apertado entre os dedos, estava deitado no verdadeiro rastolho do trigo, no lugar onde havia alguma lenha miuda de uma arvore, que se cortara.

Dormia a somno solto.

Um gallo depenicava-lhe a brôa, e, com um festivo cacarejar de satisfação chamava as gallinhas, suas companheiras, que começavam a descer do pequeno combro.

Aos gritos do rapaz, a quem a tia Joanna zurzia, com toda a razão, pelo caminho e ao voltar a casa, acudiu a visinha a senhora Rita, que lh'o foi tirar das mãos.

— O' mulher, isso não são modos de bater no rapaz, tia Joanna.

— Deixe-me cá com a minha afflicção — dizia esta, com os olhos molhados de lagrimas — Ainda não estou em mim! Pois não vê que podia haver uma grande desgraça?! A dormir lá fóra, acudiu a visinha a senhora Rita, que lh'o foi tirar das mãos.

— O' mulher, isso não são modos de bater no rapaz, tia Joanna.

— Deixe-me cá com a minha afflicção — dizia esta, com os olhos molhados de lagrimas — Ainda não estou em mim! Pois não vê que podia haver uma grande desgraça?! A dormir lá fóra, acudiu a visinha a senhora Rita, que lh'o foi tirar das mãos.

E tinha razão a tia Joanna.

Semilhante imprudencia, uma falta grave e indesculpavel, podia ter sido fatal ao filho, se um reptil ou uma féra o surpreendessem a dormir um somno tão descuidoso.

SANCHES DE FRIAS.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

— Ora ahí está porque o avôsinho dizia que é necessario comer para crescer! — exclamou Susana.

E relembando a lição, acrescentou:

— É preciso comer para produzir o chylo, que dá ao sangue o necessario para nos fazer crescer... Não é isto?

— É, sim — respondeu o engenheiro, encantado com a intelligencia da sua irmãsinha. — Entretanto, o sangue não serve só para isso. Quando chegamos á idade em que já se não cresce mais, o sangue tem o encargo de nos conservar com boa saude, reparando constantemente as perdas do nosso corpo.

— Mas então, — observou a Susaninha, depois de pensar um momento — se o sangue está constantemente a dar-nos novas forças, porque não vive a gente sempre?

— Porque? Vou responder á tua pergunta com uma comparação, que de certo não te deixará a menor duvida. Imagina que assistes á construção d'uma casa, feita de madeira, pedra e argamassa. Primeiro fazem-se os alicerces, que levam argamassa, isto é, cal e areia; depois começa-se com as paredes, que vão crescendo...

— Como nós — interrompeu a Susanita, para mostrar que ia adivinhando o sentido da comparação.

— Sim, como nós. Pouco a pouco, sempre com a ajuda da argamassa, a casa vai aumentando, aumentando, e um dia ficarás muito admirada de a ver concluída.

— Chegou á idade de não crescer mais.

— Sempre ajudada pela argamassa, que é o sangue d'aquelle corpo. Muito bem, a casa está prompta. Durante um certo tempo, conserva-se sólida, brilhante, com bom aspecto...

— Nova — concluiu Susana.

— Nova, justamente. Mas um dia, descobre-se uma racha n'uma das paredes. Isto não vale nada. Com um pouco de argamassa tapa-se a racha. Passado tempo, apparece outra racha maior que a primeira. A argamassa encarrrega-se novamente de a fazer desaparecer. N'outra occasião, é um bocado da parede que cahe. Recorre-se á cal e á areia. Entretanto, os annos vão passando...

— A casa envelhece?



— Assim como nós envelhecemos. As rachas apparecem cada vez em maior quantidade; a argamassa, já sem força, despeda-se aos bocados, e mesmo que quizessem substituil-a por outra nova, o madeiramento, carcomido pelo tempo, não poderia supportal-a. Por consequencia, ao menor abalo, produzido por uma tempestade, por um tufão, a casa cahe...

— Doente?

— Não, por terra — terminou Paulo, sorrindo.

— A pobre casinha morreu!

— É verdade, morreu! Percebeste? o sangue encarrega-se de reparar os nossos estragos até o dia em que o nosso *madeiramento* está tão velho que...

— Que a casa se vae a terra! — concluiu a Susaninha. — E não se encontrou ainda meio de evitar isso?

— Não, infelizmente — respondeu Paulo, não podendo deixar de sorrir. — Mas ha meio de fazer durar a casa o maior espaço de tempo possível: é construí-la com bons materiaes, isto é, com bom sangue, comendo alimentos sádios, a horas certas, e tendo sempre muito juízo.

— Eu tenho juízo, tu bem sabes. Mas é minha a culpa de nem sempre ter vontade de comer?

— É, sim; não sabes moderar-te; comendo demasiado ao almoço, é claro que não tens vontade ao jantar: E depois, a mamã, que é boa de mais, permite-te que andes todo o dia a lambiscar guloseimas, que te tiram a vontade de jantar. Além d'isso, não fazes o exercício necessário.

— Olha, d'isso então é que eu não tenho a culpa. Não vês o tempo que está? — disse a pequenita, indicando as ruas cobertas de neve. — Como hei de eu sahir e correr?

— Bom; redarguiu Paulo — dividiremos a culpa ao meio: metade para ti, e a outra metade para a senhora D. Neve.



... objectos de arte, de curiosidade, de estofos, de brinquedos...

## CAPITULO IX

### A VESPERA DO DIA DE ANNO BOM

Supportando um rigoroso inverno, chegara-se ao dia 31 de dezembro.

A senhora de Sannois mandou pôr a carruagem e levou consigo a Susaninha. Iam comprar numerosos presentes para as amigas de uma e de outra.

Entre as diversas lojas que visitaram, de objectos de arte, de curiosidades, de estofos, de brinquedos, as pastelarias não foram esquecidas.

N'esses luxuosos estabelecimentos, brilhantes de ouro e de crystaes, com os seus mostradores inteiramente cheios de redomas de todos os feitios e de todas as côres, os seus saccoes de papel assetinado, fechados por fitas azues e vermelhas, os seus vasos de flores naturaes; com todos empregados, que corriam d'um lado para o

outro para servir os freguezes, que escolhiam, ajustavam, pagavam, davam as suas moradas e sahiam, entrando logo outros, a pequenina Susana não perdia o seu tempo.

As caixeiros aproximavam-se d'ella, e mostravam-lhe amendoas, de certo appetitosas e finas, porque a Susaninha não se fazia grave para as aceitar... e provar.

A senhora de Sannois, occupada com as suas compras, não podia prestar grande attenção a sua filha; por isso, a pequenina gulosa ia comendo doces e mais doces, com risco de lhe fazerem mal.

Apenas suspendia a operação, para perguntar:

— Porque é isto tão bom?

— Porque leva assucar, respondiam-lhe.

E como sabia que o assucar é bom, julgava inutil fazer mais perguntas.

Afinal, a senhora de Sannois, depois de con-

cluir as suas compras, veio buscar à Susanita e ambas subiram para a carruagem. Apenas tinham chegado à praça da Opera, a chuva começou a cair torrencialmente.

Susana, abrigada no *coupé*, com os pésinhos sobre a bola de agua quente, via os transeuntes correrem d'um lado para o outro, uns tentando abrigar-se com os chapéus de chuva, outros refugiando-se nas escadas ou nos cafés. Os cocheiros, ensoçados, levantavam as golas dos sobretudo, ao passo que a agua lhes escorria pelos chapéus de oleado. Os passageiros dos omnibus desciam a toda a pressa das *imperiales*, isto é, dos logares que ha sobre o tecto dos omnibus.

Um cão, perdido do dono, corria ao acaso pela rua fóra!

— Pobre gente! — dizia Susana com sincera compaixão.

Depois acrescentou:

— Como hão de elles enxugar-se?

— Indo para ao pé do lume — respondeu a senhora de Sannois.

— Pois sim: mas porque é que o lume os enxuga?

— Porque transforma em vapor a agua que lhes ensoa o fato, e esse vapor afasta-se logo.

— E vae produzir nuvens?

— Vae.



Os passageiros dos omnibus desciam a toda a pressa das *imperiales*

— Mas se esses infelizes não tiverem lume? — N'esse caso, o ar que os rodeia, mais quente e mais secco que o fato encharcado, fará o serviço do lume, não com tanta rapidez.

— De um ou de outro modo, é muito de crer que essa pobre gente apanhe alguma constipação. A proposito, mamásinha: porque é que nos constipamos quando estamos molhados?

— Porque? porque essa transformação da agua em vapor, essa evaporação, que é como se diz, tira ao corpo uma certa quantidade de calor, o que pôde causar uma constipação, ou outra indisposição qualquer.

A Susaninha conservou-se calada durante algum tempo, e depois perguntou:

— O mamásinha, porque é que se festeja o dia de Anno Bom?

— Porque as pessoas que foram infelizes no

anno que findou, esperam ser mais venturosas no anno que começa; porque, se lhes faltou a saude no outro anno, teem esperanza de a recuperar n'este; porque os velhos se alegram de terem chegado ao novo anno; finalmente — concluiu a senhora de Sannois, sorrindo para a Susanita — porque as creanças são muito acariciadas e brindadas n'este dia em todos os paizes do mundo.

N'este momento, a carruagem entrara no pateo. Susana dirigiu-se logo para o seu quarto; mas, ao passar junto da janella da sala, ouviu uns gritos, uns gemidos, que a fizeram parar.

Susana fez-se pallida. Escutou d'onde vinham os gemidos, correu para a janella, levantou as cortinas, e soltou um grito de angustia.

Que viu ella?

Dois animaesinhos, que muito estimava, Blan-

chette, uma formosa gatinha, e Michka, uma bonita cadellinha, que lhe tinham trazido de S. Petersburgo. Estavam alli na varanda, de certo esquecidas por algum criado que fechou a janella sem as vêr! molhadas, encharcadas, tremendo de frio!

Os pobres animaesinhos, reconhecendo a sua dona, erguiam para ella olhares supplicantes.



Ouvindo o grito de Susana, alguns criados acudiram logo a toda a pressa, e libertaram os infelizes brutinhos.

Susana levou-os para o seu quarto e fel-os deitar ao pé do fogão, onde ardia um bom lume.

Michka começou a sacudir os seus compridos pellos escuros, e a Blanchette a coçar as orelhas com as patinhas. Ambas vão aquecendo a pouco e pouco.

A Susaninha, que nunca se esquece das lições que lhe dão, murmurava, observando o espesso vapor que envolvia os animaes:

— Lá está a evaporação!

(Continúa.)

## QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

### CESAR E OS MONTANHEZES DO HERMINIO

Decididamente eram os Lusitanos o povo predestinado para causar a Roma os grandes sobressaltos. Aqui veio naufragar a gloria nascente de Cesar. Posto que afinal o triumpho coubesse, como não podia deixar de caber, ao grande general, um dos mais notaveis da historia, que pôde dizer-se até que só encontra emullos em Alexandre e em Bonaparte, é certo que os rudes montanhezes do Herminio lhe infligiram um serio revez, que por algum tempo obscureceu a sua estrella.

Tinha 39 annos Cesar quando foi nomeado propretor em Hespanha. Não estava por conseguinte, como em geral se suppõe, nos primeiros annos da mocidade, nem vinha fazer aqui a sua estreia. Era pelo contrario um general experimentado, e estava então em todo o vigor e em toda a plenitude do seu genio. Ao chegar a Hespanha, soube que os montanhezes do nosso Herminio, que hoje tem o nome de serra da Estrella, se estavam tornando insupportaveis para

os povos das regiões circumjacentes. Resolveu debellal-os, marchou contra elles, e elles seguiram o velho systema de Viriato, o systema que ha de ser eternamente seguido por todos os guerrilheiros montanhezes, escaparam-se-lhe por entre as mãos, abandonando-lhe as povoações, que os historiadores romanos chamam pomposamente cidades, e, quando Cesar, suppondo tel-os derrotado, partiu para o Douro, tornaram immediatamente á vida antiga, e saltaram na planicie, cujos habitantes tornaram a ser postos a resgate pelas indomaveis guerrilhas.

Cesar voltou atraz, e, furioso com o logro, desenvolveu d'essa vez todos os recursos do seu genio militar, conseguindo, graças ás suas habéis manobras, arrancar-os das asperezas da sua montanha, até que os apertou entre a serra de Albaridos e o Oceano. Encurralando-os n'essa região, por onde hoje se estendem as varzeas e os vinhedos de Obidos, julgou que daria cabo d'elles; mas os montanhezes não se assustaram com o aspecto do mar, e passaram para umas linguas de terra que hoje formam a península de Peniche, que ainda hoje na maré cheia se transforma em ilha, podendo comtudo vadear-se o mar que a cinge do lado de Athougua, e que n'esse tempo só na vasante era vadeavel a custo. Confiando demasiadamente na sua fortuna, Cesar não se demorou nem um instante. Com a sua actividade habitual, mandou fazer jangadas, em que passaram algumas tropas, outras, percebendo que havia por ali vaus, metteram-se resolutamente á agua. Mas os montanhezes, refugiados na ilha, não se podiam tratar com esta sem-ceremonia. Déram sobre os soldados romanos com tal energia, que lhes saía cara a tentativa. Despedaçaram as jangadas, e a maré encheu antes que os temerarios romanos tivessem podido operar a sua retirada. Aquelles que o ferro lusitano não cortou, afogaram-se nas ondas. Um só escapou, o commandante da força encarregado por Cesar da primeira investida, Publio Scévio que, atravessando a nado o braço de mar, apesar das suas feridas, veio, exausto de forças, e vertendo sangue, annunciar a Cesar o terrivel desastre. Magoou-se profundamente o grande general romano com este revez, e, aprendendo assim a respeitar mais o inimigo, afastou-se para reorganisar o seu exercito, mas não para tão longe que os montanhezes se podessem facilmente escapar. Um emissario seu foi buscar navios ao mais proximo porto romano, que seria de certo Ulyssipo, a moderna Lisboa, e só então é que Cesar pôde desembarcar em Peniche e submitter os montanhezes. A Lusitania foi em breve subjugada pelo grande general, mas o que é certo é que um dos poucos revezes, que Cesar soffreu na sua brilhante carreira militar, foi-lhe infligido pelos nossos intrepidos antepassados, que foi n'essa heroica terra que a gloria de Cesar empallideceu por um momento, e que essa fortuna, em que elle tanto confiava, se escondeu por um instante em presença de uns pobres montanhezes!

PINHEIRO CHAGAS.



## JOANNICO

(Continuação)

Sabendo da camelice do Joannico, o nobre fidalgo disse muito zangado:

— Não torna a ser pagem de minha filha. Ficará no castello, mas como simples criado.

Ora ahí temos o Joannico com baixa de posto. — Paciencia! — disse elle para se consolar — não tinha nascido para pagem!

No dia seguinte, Joannico foi servir o almoço aos nobres fidalgos do castello de Gisors.

Sempre distrahido, sempre pensando em coisas do arco da velha, o desgraçado rapaz, ao dirigir-se para a meza, pisa o rabo d'um bonito cãozinho: este salta-lhe às pernas e obriga-o a perder o equilibrio. A travessa salta-lhe das mãos, as perdizes saltam da travessa e o molho salta das perdizes, indo regar o alvo collarinho enroquetado da nobre donzella Yolande!

Ai! meu caro Joannico! apesar da tua esper-teza, não podes ser criado de meza do altivo castellão de Gisors! Resigna-te, estouvado d'uma figa: passarás a simples criado de escada acima.

No dia seguinte, estando no seu gabinete o velho fidalgo a examinar as cartas do seu intendente, ordenou que lhe trouxessem um pouco de vinho de cidra, para matar a sede.

O castellão estendeu o copo, mas o desgraçado Joannico, sempre com a cabeça a razão de juro, sempre pensando no que não está a fazer, vasou o vinho no tinteiro, fazendo saltar uma golfada de tinta á nobre cara do seu fidalgo amo!

— Levem para as cosinhas este estouvado. Não é digno de entrar nas salas!

— Paciencia! — disse o Joannico sem se comover. — Não nasci para servir ás mezas, nem das casas de jantar, nem dos escriptorios. É o mesmo! sempre heide seguir a minha carreira.

Fóra das vistas do amo, o Joannico encontrou um typo ainda mais maluco do que elle. O bôbo do castello, aproveitando-se das distracções de Joannico, ora deita um gato na panella, ora lança uma rã na terrina da sôpa.

Que demonio de gosto tem a comida! O gato e a rã não agradam ao paladar do nobre castellão, o qual ralha com o cosinheiro, que se desculpa com o Joannico, o seu distrahido ajudante.

O Joannico não percebe uma palavra de toda aquella embrulhada, apesar da sua espezteza, e mostra uma cara muito aparvalhada.

(Continúa).



## GEOGRAPHIA

FRANÇA

N'um artigo firmado com o meu nome e publicado n'um dos ultimos numeros do *Jornal da Infancia*, dei-vos, meus jovens amigos, uma idea geral da sciencia que tem o nome de *Geographia*. Vou agora descrever-vos sob o ponto de vista politico (vós já sabeis o que significa a expressão — *Geographia politica*), um dos paizes que mais attrahe as nossas attentões pelo muito que os seus habitantes tem progredido nas sciencias e nas artes, pela magnificencia dos edificios que adornam suas notaveis cidades, pela lingua, harmoniosa e suavissima, na qual se tem escripto obras as mais admiraveis, por tudo, emfim, que contribue para tornar attraente o paiz a que me refiro — a França.

Vamos, pois, em rapido e singelo esboço, estudar a sua *Geographia politica*.

A França é dividida em 86 *departamentos*, cada um dos quaes comprehende varios *arrondissements* (pronuncia-se *arrondissement*). Os primeiros correspondem ás nossas *provincias* e são governados por *prefeitos*; os segundos equivalem aos nossos districtos e são administrados por *sub-prefeitos*. A forma de governo é a republica, sendo o presidente eleito por sete annos. Ha um senado e uma camara de deputados. A religião predominante é a catholica, sendo, porém, professados livremente todos os cultos. A instrucção está muito desenvolvida, havendo ensino superior, secundario e primario. O primeiro comprehende cinco faculdades: theologia, direito, medicina, sciencias e letras. O secundario divide-se em geral e especial: este é destinado para formar agricultores, industriaes e commerciantes.

Tanto a industria como o commercio tem attingido um alto grau de desenvolvimento.

As linhas ferreas, que tem uma extensão de 21:000 kilometros, são sem duvida uma das causas que mais tem contribuido para o progresso da nação franceza. Sem vias ferreas não ha progresso possivel.

As linhas telegraphicas são tambem numerosissimas, e a sua extensão é de 50:000 kilometros.

O numero dos habitantes de França eleva-se a 36.500:000, sendo a parte Norte a mais populosa. A capital é Paris, cidade notabilissima por sua população e pelo grande numero de edificios publicos e monumentos que a adornam. Daremos d'ella uma breve idea. Paris é cortada em varios sentidos por vastas e arborizadas ruas, a que se dá o nome de *boulevards*, dos quaes os mais notaveis são: *Montmartre*, *Italianos*, *Saint Martin*, *Saint Denis*, etc. São igualmente dignas de mencionar-se as ruas: *Rivoli*, *La Fayette*, *Castiglione*, etc. As praças mais bellas são: a da *Concordia*, a de *Saint-Sulpice*, a do *Châtelet*, etc. Entre os edificios que adornam a vasta capital, mencionaremos: o *Palais Royal*, os palacios do *Elysee* e da *Industria*, a notabilissima *cathedral*

de *Notre-Dame*, etc. *Rouen*, *Havre*, *Bordeaux*, *Marseille*, *Lyon*, são igualmente cidades importantes do paiz de que me occupei nas singelas linhas que compõem este meu humilde artigo.

JOSÉ PESSANHA.

## ALEGRIAS

Baby perguntou á mamã:  
— Que feito tem o mundo?  
— O de uma bola.  
Baby pensou um bocadinho; depois disse em tom supplicante:  
— A mamã faz-me uma coisa?  
— Que queres?  
— Compra o mundo para eu brincar com elle?

No lyceu:  
Bébé fazia exame. O professor interroga-o na grammatica:  
— O que é *oração*?  
— Uma coisa que se reza pela manhã e á noite!

O mesmo Bébé foi a um jantar dado por uma familia intima do papá, e comeu muito. Quando veio para casa, perguntou-lhe a mamã:

— Porque razão comeste tu tanto em casa da D. Emilia, quando é costume não comeres nada em casa?  
— Porque — respondeu Bébé — aquelle não custou nada ao papá.

Néné era filho de gente muito pobre. Uma vez um mendigo foi bater-lhe á porta pedindo uma esmola por amor de Deus. Néné tinha um vintem e deu-o. A mãe ralhou, dizendo:

— Para que deste tu o vintem, sendo-me elle tão preciso?  
— Mas eu não o dei: comprei com elle o amor de Deus.

— Ó Nini, que fizeste á tua boneca?  
— Escondia.  
— Para quê?  
— Para fazer o mesmo que a mamã: para a dar aos meus filhos, quando eu for grande.  
— E se não tiveres filhos? — observou a mãe, sorrindo.

— Então é para a dar aos meus netos, como faz o avô.

Adoravel Nini!

## CORRESPONDENCIA

*Diversos* — Temos recebido de diferentes pessoas alguns artiguinhos para serem publicados no *Jornal da Infancia*. Aquelles que nos parecem de accordo com o nosso programma, apparecerão oportunamente; outros ha a que não podemos dar publicidade. Em todo o caso, agradecemos a boa vontade de seus auctores.

Vem a proposito fazermos uma declaracão: não começaremos a publicar nenhum artigo cujo original não esteja todo em nosso poder, embora o fragmento nos pareça excellent.